



UM CAFÉ EM BAÍDAR.

A nossa gravura representa um café em Baïdar, pequena povoação da Taurida ou Criméa. É uma especie de telheiro, guarnecido de singela tarimba ou bancada, sobre a qual estão sentados varios tartaros, fumando tranquillamente em enôrmes cachimbos ao uso do oriente. Um ancião respeitável, encostado a comprida vara, parece estar praticando com parte dos freguezes, que figuram prestar muita attenção ás suas palavras. O serviço é feito por um pequeno tartaro, que distribue em torno, aos pacificos musulmanos, já o tabaco para encherem os cachimbos, já pequenas chavenas cheias a trasbordar da estimada infusão.

Vivendo cá na extrema do occidente não podemos fazer uma idéa exacta da importancia, que tem um café nas povoações orientaes, mórmente quando os habitantes professam o islamismo. Prohibidos pelo preceito de Mahomet do uso do vinho ou outras bebidas espirituosas, o café é para elles um recurso, e um prazer, a que nem os pobres e desvalidos renunciariam facilmente. Já se vê pois que aquelles individuos que não podem preparar esta saborosa bebida na propria casa, buscam um sitio, onde a tomem á sua vontade, tendo além d'isso a vantagem inapreciavel de encontrar ahí não poucas vezes pessoas com quem estão ligados pelas relações de vizinhança ou de amizade. D'aqui a multiplicidade dos *botequins* e dos *cafés* no oriente. Baïdar, mais é uma aldeiola mesquinha, conta uns poucos, é verdade que de tão simples construcção como o que a gravura representa.

Não se cuide, porém, que é sómente por mesquinha economia que os tartaros edificam os seus *botequins*, ou os estabelecem em casas abertas ao ar li-

vre. Os orientaes são em geral contemplativos, e altos apreciadores das scenas da natureza, assim não admira que elles prefiram a grosseira tarimba, d'onde podem disfructar apraziveis paizagens, e gosar o fresco da tarde, a molles coxins em *botequins-estufas*, á similhaça dos que nós usâmos.

E de feito, em poucas partes da Criméa, similhante systema podia ter mais justificada applicação, do que em Baïdar. Para chegar á villa atravessam-se lindas estradas bordadas de arvores gigantescas; e em toda a peninsula não ha ponto em que a natureza apresente bellezas mais severas, e tal magestade de perspectivas. Sobre isto tudo imagine-se que no valle de Baïdar estão accumuladas nada menos de onze aldeias, como engastadas em lindos vergeis e magnificos pomares, sobresaíndo, e dominando-os a virente copa de soberbas nogueiras, e a escura folhagem dos robles, que são os mais altos e os mais robustos que se encontram em toda a Criméa, e por entre os quaes serpeia o rio Tchornaia-Retchka, bastante celebre na historia contemporanea.

Com as aguas d'este rio, que foi, como já dissemos em outra parte, canalizado pelos engenheiros russos, se abastecem os differentes diques da famosa Sebastopol.

Cabe aqui notar que, contra o uso dos demais musulmanos, os tartaros da Criméa estabelecem os seus cemiterios em qualquer encosta arida e pedregosa, não plantando no recinto consagrado aos mortos arvores, ou mesmo especie alguma de arbustos. Uma pedra lisa e de qualidade schistosa, erguida a prumo sobre a sepultura, é o unico signal que indica o lugar de jazida.

VIAGEM PICTOESCA À RODA DO MUNDO  
E AOS DOUS POLOS.

SECÇÃO II.

O Japão. — A China. — As Filipinas. — Manilla. — Bornéu. — Os piratas malaios. — Corta-se a linha no estreito de Macassar. — Celebes. — As Molucas. — Timor. — Nova Guiné. — Nova Hollanda. — O grande oceano Equatorial. — A ilha de Taiti.

Se a ilha de Cypango, que Marco Polo visitou em 1269, é uma das que constituem o imperio do Japão, segue-se que foi aquelle nobre veneziano o primeiro viajante da Europa que aportou ao referido imperio; aliás cabe aos portuguezes a gloria d'este descobrimento, em 1542, posto que ahi fossem arrojados por um temporal, e não em busca de novas terras, com designio determinado, como succedeu com a navegação da India, de Malaca e da China. É certo, porém, que os portos do Japão estiveram exclusivamente abertos ao nosso commercio por longo tempo, e que foram portuguezes os primeiros missionarios que introduziram a religião christã n'este longinquo paiz, muitos dos quaes obtiveram o martyrio, quando os japonezes quebraram connosco todo o genero de relações.

Das ilhas que compõem este famoso estado a principal é a denominada Nippon. Uma cinta de rochedos, sobre os quaes se quebra com furia o mar, quasi sempre tempestuoso n'estas paragens, bloqueia a maior parte do paiz, torna muito difficil a sua aproximação, e como que separa o Japão do resto do mundo. A natureza prodigalisou cegamente os seus thesouros a estes remotos logares, de uma riqueza fabulosa, mas em compensação expol-os a continuos tremores de terra. Encontram-se aqui, ao lado de abundantes minas de metaes preciosos, as crateras de vulcões em perpetua ebullição, como, na ordem moral, se acham entre o povo japonéz as maiores virtudes a par dos mais feios vicios. Os homens são baixos, morenos, reforçados, e, em geral, repugnantes; tanto elles como as mulheres usam de opas de seda ou algodão, tanto mais compridas quanto maior é a cathogoria de quem as veste. Os templos dos seus idolos são quasi todos sumptuosos, e collocados nas mais formosas imminencias; porém as casas particulares, que não têm janellas para a rua, são de pessima apparencia, e mesmo no interior não têm genero algum de *comfort*. O estado tem dous chefes supremos, um politico outro religioso, além de muitos principes secundarios, magistrados, nobres e sacerdotes. O frio do inverno é excessivo no Japão, e da mesma sorte experimenta um calor intenso no estio. Chove e troveja quasi todos os dias n'este archipelago. A cidade de Jedo é a sua capital.

Fernão Mendes Pinto e S. Francisco Xavier foram d'os primeiros portuguezes que devassaram o Japão. Seguiu-se depois a expulsão dos jesuitas, e de todos os europeus, á excepção dos hollandezes, que para terem feitoria em um dos portos do imperio, se sujeitaram ás mais aviltantes condições. Chegou a tal ponto a barbaridade d'estes insulanos, que até os naufragos estrangeiros tem sido por elles cruelmente assassinados; porém uma nova era desponta para este povo, porque as esquadras da Russia, dos estados-unidos, da França e da Gran-Bretanha, mostrando além de todas as razões de humanidade, a *suprema ratio* da sua artilharia, têm entabulado negociações com o governo japonéz para que os seus portos se abram ao livre commercio de todas as nações.

Não aconselho, porém, ao leitor, que se demore muitas horas em terra, visto que os protocolos ainda não estão assignados. Compre alguns d'esses ricos objectos de porcelana, que a não encontra mais fina n'outra parte do mundo, assim como não achará alhares tão brilhante matiz de charão. E larguemos da bahia de Nangasacki, soltando o rumo para a China.

Mau será se o tufão nos apanha n'estes mares! Saibaes o que é o tufão? É a prova da maior ira de Deus!... Porém a estação vae adiantada, para haver-mos de tēmer a sua furia.

Eis-nos em frente da ponta meridional da península de Coréa; para o norte engolpha-se o mar Amarello; para o sul estende-se o mar da China, propriamente dito. Escolhei qual dos portos d'este vasto imperio pretendeis visitar, (isto é, d'entre os que estão abertos ao commercio europeu, ou em poder de estrangeiros) pois que em qualquer d'elles vos serão patentes o caracter, costumes, religião, e extravagantes especialidades d'este povo singular. O mysterioso véu que desfigurava o imperio do Cathay, começou a adelgaçar-se roçando pelos saquiteis de ouro dos commerciantes portuguezes, e foi despedaçado junto aos muros de Nankin pela metralha da Gran-Bretanha. A revolução politica e religiosa que hoje lavra na Chína, é talvez o principio da transformação d'esse povo, que, mais tarde ou mais cedo, tem de se assimilar com as outras nações civilizadas do mundo. O governo despotico de tantos seculos, tem tornado o caracter dos chins servil e traçoeiro; sempre com o sorriso nos labios, os vassallos do celestial imperador enganam o europeu em todo o genero de relações, e se puderem cravar-lhe-hão um taifó pelas costas. O castigo das bastonadas, do qual nem os primeiros mandarins estão isentos, abastardeou completamente esta raça de homens, aliás intelligentes e activos. Desconhecendo a santidade do evangelho, e adulterando as sabias doutrinas de Confucio, os grandes tornaram-se idolatras, e apenas conservam o uso de alguns preceitos moraes do famoso mestre; os pequenos fizeram-se pagãos da seita de Boudha, a quem elles chamam Fo, e seguem os erros d'essa religião indiana. A habilidade dos chinezes não ha ninguem que a desconheça; são igualmente diligentes na cultura das terras; e entre as obras publicas de que tem decorado o paiz, devem mencionar-se os magnificos canaes e pontes, que tanto facilitam o commercio interno, e os soberbos pagodes onde se adora o *Tien* por intervenção de diversos idolos. Quanto aos palacios encantados de Pekin e á celebrada muralha da Tartaria, deixo aos herdeiros de Marco Polo, de Fernão Mendes, de Gutzlaf, e de outros não menos veridicos narradores, o cuidado de vos descreverem as suas maravilhas.

Aonde queres desembarcar, amigo leitor? Em Shanghai encontras um aggregado de palacios constituindo o bairro europeu, obra do commercio inglez; porém a revolta tem progredido por esse lado do imperio, e ainda não ha muito tempo que os marinheiros francezes, indo em auxilio dos tartaros, foram batidos pelos insurgentes. Será prudente, pois, o evitarmos este porto. Em Amoy, Fuchaw ou Ningpó não vale a pena de ancorar, porque são povoações muito mais insignificantes do que Shanghai. Se queres ver a bandeira portugueza fluctuando n'estas regiões, approemos a Macau; se pretendes achar em pequena ilha, ha pouco deserta, uma miniatura de Londres, volvamos para Hong-Kong... Ah, preferes visitar Cantão? Pois bem. Passemos o estreito de Foukian, que divide a ilha Formosa do continente chi-

nez, e inclinando para o sudoeste encontraremos a bôca do rio Tigre: Tapa os ouvidos para não ensurdeceres no meio d'esta gritaria que resoa de milhares de barcos; extasia-te ante esse movimento, como não viste igual em nenhum outro ponto do globo.

Tens lido muito a respeito da China, querido leitor, não é verdade? Pois então avalia por ti mesmo as bondades e defeitos da civilização chinesa, e darás razão a quem a tiver. Entretanto tomaremos chá preto, compraremos alguns preciosos artefactos de porcelana, de marfim, de madre perola, de filagrana de prata e de ouro, que em parte alguma se fabricam melhor; prover-nos-hemos de peças de seda e de nankin, e de outras seductoras curiosidades do celestial imperio. Toma conta em não fumar opio, que é vicio difficil de desarreigar.

Quando quizeres deixaremos a China. O vasto oceano Pacifico, com seus mil archipelagos, por tantos seculos occultos aos europeus, nos está convidando a ver novas maravilhas, inteiramente desconhecidas da maior parte dos homens. Ao frio polar, que soffremos ainda ha pouco, succederá uma deliciosa temperatura, porque a aragem do mar refresca o clima de fogo que se estende de um a outro tropico.

Demandemos as ilhas Philippinas, principio d'essa longa successão de archipelagos que matizam o grande oceano Equatorial até ao opposto continente da America. Tomaremos o necessario combustivel para a machina, e fumaremos excellentes charutos de Manilla. Largue-se a ancora junto á ilha de Luçon, e visite-se a capital d'esta importante colonia, conquistada para a corôa de Hespanha por Miguel Lopes, em 1571. A sua principal população compõe-se de indios, sujeitos ao leão de Castella, e as casas em que habitam são quasi todas de madeira, por causa dos frequentes tremores de terra que agitam este solo. Os arredores de Manilla são deliciosos, e a estrada que conduz d'esta capital a Cavite, segunda cidade das Philippinas, apresenta as mais romanticas perspectivas que é possivel imaginar. Todas as familias hespanholas que abi se acham estabelecidas, tem carruagem sua, porque os cavalloes são de uma barateza sem igual. Manilla é talvez a cidade mais bem situada de todo o globo, diz La Peyrouse. Corta-a pelo meio um rio navegavel, que vem desaguar em uma extensa bahia. Os comestiveis e o tabaco encontram-se aqui pelo mais infimo preço. A terra não se recusa a genero algum de cultura. O seu clima é quente e humido, mas não insalubre. A união entre raças disparatadas faz que nos rostos dos habitantes se não encontre uma côr definida, uma feição característica. A par de innumeradas ruinas, que se enxergam a cada passo, admiram-se magnificos conventos e igrejas ricamente adornadas, como as fabricavam por toda a parte os senhores do Mexico e do Perú. Manilla é séde de um arcebispado e de uma universidade. Ninguem pôde visitar esta ilha sem lhe ficar afeiçoado. A população das Philippinas, segundo os mais modernos calculos, sobe a seis milhões de almas.

Reconheçamos de passagem a ilha de Bornéu, uma das maiores da Oceania, cujos ferozes habitantes mal consentem aos europeus passar além do litoral. O seu clima ardente é temperado por chuvas periodicas e pelo reparador vento do mar, mas ainda assim o paiz é doentio, por causa dos muitos pantanos que contém. Diz-se que o interior da ilha é cortado por uma cadeia de montanhas, ricas em cristaes, diamantes, ouro, cobre e ferro, e que ao sobpé d'ella existe um grande lago, d'onde nascem diversos rios. Não ten-

taremos, porém, examinar de perto a importancia d'esses thesouros, porque além da ferocidade dos indigenas, as florestas e lagoas da ilha são povoadas de serpentes. Se quereis educar um orang-otango para vos servir á meza, compra-o aqui, que vol-o darão muito em conta, ainda mesmo que seja quasi do tamanho de um homem.

N'estes mares é preciso estar áleria contra os piratas malaios. Vedes aquella canôa, muito comprida e estreita, que voga para nós com a força de cem remos? É uma embarcação de salteadores e assassinos. Afastal-os-hemos mostrando-lhe apenas a nossa artilharia; mas se nos apanhassem descuidados, prolongariam, sem ruido, o seu ligeiro barco com o costado do *Protheu*, e duzentos homens armados de crizes, saltariam na tolda como uma alcatêa de tigres, degolando sem piedade toda a tripulação até ao ultimo homem.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## A JUSTIÇA NA ARGELIA.

BU-AKAS-BEN-ACHUR.

Ha no Ferdj-Vah (a E. de Constantina) um cheik chamado Bu-Akas-Ben-Achur, nome antiquissimo que está ligado á historia das dynastias arabes e barberescas do Ibn-khaldum.

Bu-Akas, conhecido tambem por Bu-Djenni (o homem do punhal) é a mais perfeita personificação do typo arabe. Os seus ascendentes conquistaram o Ferdj-Vah (paiz formoso) e agora reina n'esta comarca, cuja conquista tem sabido firmar por meio da mais energica administração.

O cheik Mohammed-Ben, emissario do marechal Vallée, governador geral da Argelia na epocha em que se passaram os successos que referimos, resolveu Bu-Akas a entrar em negociações com a França, em resultado das quaes realisou a sua submissão, enviando em signal d'ella ao commandante geral de Constantina um excellento cavallo de Gada, e obrigando-se ao pagamento de um tributo annual.

Apesar da sinceridade com que Bu-Akas accitou os seus novos compromissos até agora não desmentidos, negou-se constantemente a ir a Constantina, pretextando certo juramento, que lh'o estorvava, ás mais instantes solicitações das auctoridades francezas, que desejavam receber cordealmente o poderoso vassallo, cuja amizade tinham em tanta conta. Porém Bu-Akas receiava que o retivessem prisioneiro, e esta era na realidade a causa da sua teimosa negativa.

O tributo de que fizemos acima menção, e que satisfaz annualmente Bu-Akas ao governador de Constantina, consiste em 80:000 francos: e todos os annos, depois da colheita, no mesmo dia e á mesma hora exactamente, entram pelas portas da cidade os camellos de Bu-Akas, carregados com a somma apontada, sem que nunca se encontrasse de menos um só real.

Bu-Akas tem agora quarenta e nove annos, e traja como os kabylas, isto é, usa como elles um albornoz, que prende á cintura com um cinto de couro, e á cabeça com um fino cordão de seda verde. Traz enfiado no mesmo cinto um par de pistollas, um alfange kabyla, e uma formosa adaga de cabo negro.

Marcha sempre após de um negro, que o precede em guisa de correio, e que lhe conduz a clavina.

acompanhando-o ao lado constantemente o seu cão favorito, precioso lebreu que Abu-Akas tem na maior estimação.

Quando alguma das doze tribus sobre que Abu-Akas domina recebe damno ou offensa de outra, não é mister ao cheik mover-se; basta-lhe mandar o seu negro ao aduar, capital da tribu offensora; mostra este ao chefe a espingarda de Bu-Akas, e a offensa recebe immediatamente a reparação mais completa.

A fama religiosa de Bu-Akas corre parêlhas com a politica. Sustenta á sua custa duzentos a trescentos tolbas que ensinam o alcorão a seu povo. Todo o peregrino que se dirige á Meka, e passa por Ferdj-Vah, recebe o equivalente a tres francos, e a mais obsequiosa hospitalidade em todo o tempo que queira demorar-se nos dominios do cheik. Mas se lhe consta que algum pseudo-peregrino abusa da caridade do seu povo, manda-o conduzir á sua presença, e castigar a fraude com cincoenta bastonadas nas plantas dos pés.

Reune as vezes á meza Bu-Akas mais de trescentas pessoas, a quem faz as honras da casa de um modo patriarchal, vigiando que os seus escravos nada deixem a desejar aos hospedes, em torno dos quaes passava elle com o bastão na mão. Se alguma cousa fica do banquete, come então Bu-Akas, mas sempre em ultimo lugar.

Os dominios de Bu-Akas estendem-se de Milah a Rabue, e desde a extremidade sul do Rabur até duas leguas de Gigelli.

Quando o governador de Constantina, unica pessoa cuja superioridade Bu-Akas reconhece, lhe recommenda algum viajante, conforme a cathogoria d'este, ou os termos da recommendação, assim lhe entrega a sua espingarda, o seu cão ou o seu punhal. Se o viajante recebe a espingarda deve pol-a a tiracollo; se o cão, cumpre-lhe conduzi-lo por um cordão; se o punhal, ha de enfiá-lo no cinto, e com um ou outro d'estes preciosos talismans, cada um dos quaes dá direito a determinadas honras e acolhimento, póde percorrer as tribus sujeitas á auctoridade de Bu-Akas sem receio, ou transtorno algum; e o que é melhor, tendo comida e alojamento gratuito, privilegio que compete á qualidade de hospede protegido por Bu-Akas. Quando o viajante quer sair do Ferdj-Vah, entrega o punhal, a espingarda ou o cão ao primeiro arabe, que encontra; e este abandonando casa ou lavoura, se n'ella se occupava, familia e quanto tem n'este mundo, toma a respeitada reliquia, e corre a depol-a nas mãos do temido cheik.

Assim a adaga de cabo negro é mui conhecida, e tão conhecida que mereceu a Bu-Akas a alcunha de Bu-Denni (homem do punhal); com ella corta Bu-Akas as cabeças, quando alguma vez, para mais prompto effeito da justiça, julga dever fazel-o pessoalmente.

Quando este chefe tomou a direcção do paiz, achava-se elle infestado por infinidade de ladrões; porém Bu-Akas é homem que consegue quanto quer, e os ladrões desapareceram, porque assim o quiz o cheik, que para o conseguir se valeu de um meio engenhoso. Disfarçado em commerciante percorria o paiz, e de vez em quando deixava cair um duro, que não perdia de vista. Um duro perdido logo encontra dono, não só em Africa, senão tambem em qualquer terra do mundo; mas o desafortunado, em cuja algibeira se encontrava o duro, era immediatamente decapitado pelo algoz, que disfarçado tambem acompanhava n'estas excursões Bu-Akas. Este systema surtiu o melhor effeito; de sorte que dizem os ara-

bes que uma creança de dez annos póde agora recorrer toda a comarca com uma corôa de ouro e de diamantes na cabeça, sem que na vasta extensão do Ferdj-Vah haja quem se atreva a roubar-lh'a. Felizes subditos de Bu-Akas!

O cheik respeita extraordinariamente as mulheres: e é costume n'aquelle paiz, sempre que homens e mulheres se encontram em um caminho, arredarem-se aquelles para estas passarem adiante. A menor falta ás considerações devidas ao bello sexo é punida immediatamente.

Querendo um dia o cheik saber a opinião que d'elle formavam as mulheres da sua patria, aproveitou o ensejo de encontrar no caminho do Vuad-Ferdj uma formosa arabe, e acercou-se d'ella, dirigindo-lhe alguns galanteios.

—Arreda-te; sem duvida não conheces os perigos que corres, lhe disse com a gravidade de uma rainha.

Mas como Bu-Akas insistisse em a importunar, a gentil musulmana accrescentou:

—Imprudente! tão de longe vens, que ignoras achar-te nos estados da homem do negro punhal, aonde as mulheres são respeitadas?

Como havemos dito é Bu-Akas eminentemente religioso, satisfazendo com a maior regularidade ás preces e abluções que o rito marca. Tem quatro mulheres, como o permite o alcorão; duas na sua tenda de Ferdj-Vah, e duas no harem.

O cheik Bu-Akas, como Pedro Leroux, classifica no mesmo grau criminal o roubo e o adulterio, sendo inexoravel com estes delictos.

Tendo certo dia um habitante de Ferdj-Vah surprehendido sua mulher com um amante, conduziu os dous criminosos perante Bu-Akas, que logo mandou decapitar o adultero; mas indo-se a executar a mesma sentença na mulher, esta pareceu sem duvida mui formosa a seu marido, que pediu clemencia para a culpada.

—Tu mesmo degolarás agora tua mulher, lhe disse o inflexivel cheik, entregando ao marido o seu punhal; eu te darei outra: mas se preferes que ella viva, viverá; porém morrerás tu em seu lugar: porque o crime deve ser expiado. Escolhe!...

Hesitou um instante o marido, que a final resolveu degolar sua mulher, com approvação de Bu-Akas.

Certo dia Bu-Akas, o homem do negro punhal, que bem podiamos chamar o *justiceiro*, ouviu dizer que o cadí de uma das doze tribus proferia sentenças dignas do rei Salomão; e qual outro Aaroun-al-Raschid, quiz julgar por si mesmo da realidade do que lhe haviam asseverado. Em consequencia d'isto, como simples viajante, sem armas, nem distinctivo algum de auctoridade, parte para a tribu possuidora de tão maravilhoso juiz, montado n'um cavallo de raça, que não revelava comtudo no apparelho o poderoso chefe a quem pertencia.

Era casualmente o dia da chegada do cheik á tribu mencionada, dia de feira, e por consequencia dia de audiencia. Enão apparecia! Em tudo protege Mafoma os seus servidores! Quando apontava á entrada da povoação, um mendigo coxo, agarrando-se-lhe ao albornoz, pediu-lhe esmola como o pobre a S. Martinho. Soccorreu-o Bu-Akas com a liberalidade de um bom musulmano; mas o mendigo não lhe soltava o albornoz.

—Que me queres? disse-lhe Bu-Akas. Pediste-me esmola; já te satisfiz.

—Sim, redarguiu o coxo; mas o alcorão não diz sómente «darás esmola ao teu irmão;» mas tambem «faz por teu irmão quanto puderes fazer.»

—Então, que queres que te eu faça?

—Podes evitar que eu, pobre reptil, vá a rastos, e seja atropellado por homens e camellos, por entre os quaes terei de caminhar se chegar ao povoado, cousa mui difficil hoje.

—E como has de evitar-o?

—Levando-me á garupa até á praça do mercado aonde desejo estar.

—Seja, disse Bu-Akas, ajudando o coxo a subir á garupa, o que a final pôde conseguir-se, mas com bastante difficuldade; e assim atravessaram as ruas da povoação, excitando a geral curiosidade.

(Continúa).

#### CÔR LACTEA DO MAR.

O sr. Grafton Chapman chamou recentemente a attenção da academia das sciencias de Paris sobre a coloração insolita que observára no mar, e que dava á agua a apparencia de leite. O sr. Daresté, por esta occasião, provou que muitas observações do mesmo genero se encontravam nos diarios das viagens maritimas. «Estes phenomenos, diz elle, são muito mais frequentes que as colorações vermelhas, manifestando-se especialmente nos mares intertropicaes. Parecem sobretudo mui frequentes no golfo de Guiné e no golfo Arabico; a maxima parte das observações colhidas refere-se áquellas duas localidades. Na ultima está averiguado que o phenomeno fôra conhecido dos antigos, mais de um seculo antes da era Christã. É de presumir que seja produzido por causas diversas, como a dos mares vermelhos e a dos mares de côr sanguinea. Todavia, no maior numero dos casos, como no da memoria do sr. Grafton Chapman, manifestou-se ao mesmo tempo que a phosphorecencia; pôde pois fundadamente suppôr-se que é produzido pelos proprios animalculos phosphorescentes.

Nas bellas experiencias feitas em Bolonha pelo sr. Quatrefages, este sabio reconheceu que os noctilucos que produzem este phenomeno não soltam sempre chispas vivas e brilhantes, e que, em determinadas circumstancias, esta luz é substituida por uma claridade fixa e pouco intensa; que dá aos referidos animalculos certa côr estranquiçada. E por isso não admira que, apresentando-se elles em enormes cardumes, possam tingir as aguas do mar, n'uma extensão consideravel, da côr do leite.

Comtudo parece que nem só os noctilucos gosam de tal propriedade. Na observação do sr. Grafton Chapman os animalculos productores da coloração alvacentá e da phosphorecencia suppõe elle serem animaes aggregados, provavelmente *salpas* e *pyrosomos*.

«Finalmente, acrescenta o sr. Daresté, da mesma fórma que tentei demonstrar-o pelo que respeita á coloração vermelha, estas côres esbranquiçadas ou lacteas observam-se frequentemente, e quasi sempre nas mesmas paragens.»

O illustre naturalista conclue citando em abono da opinião que sustenta o exemplo succedido nas proximidades das ilhas de Cabo Verde, segundo a relação da viagem da *Venus*, por Dupetit-Thours. N'estas circumstancias a côr alterada da agua foi attribuida á presença de pequenos animalculos ou moluscos a que os inglezes chamam *squid*. Das diversas observações feitas n'estas viagens colhe-se que as aguas apresentando a côr lactea ou outra são limitadas, e não mudam de situação de uma maneira muito sensivel.

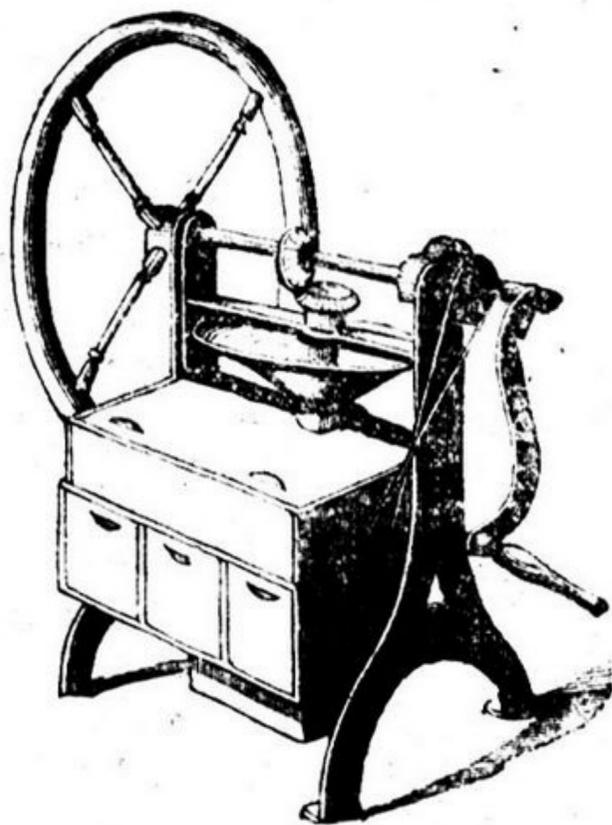
#### PENDÃO E CALDEIRA INSIGNIAS DE NOBREZA.

O pendão e a caldeira eram as insignias e distinctivos dos ricos-homens desde o tempo dos godos até o seculo XV, em que de todo se extinguiu este titulo da antiga nobreza, substituido por outros, que actualmente venerámos. Pelo pendão se mostrava o poder e auctoridade de alistarem os seus vassallos, para a guerra; pela caldeira, que no mesmo pendão ou estandartes estava pintada, queriam dizer que tinham muitos bens, munições de boca e dinheiros para lhes pagar e os manter. E d'aqui a phrase *guisar caldeira*, por dar mantimento aos soldados. Em as historias de Hespanha e Portugal lemos, que os reis instituam os ricos-homens dando-lhes o pendão e a caldeira; o que parece denota não pintura, mas realidade d'esta mysteriosa e honrada insignia. Na celebre igreja, e antiquissima, de Santa Maria de Saboroso, que hoje se acha na freguezia de Barcos, para onde o titulo se mudou já nos fins do seculo XIII, se encontram notaveis campas com insignias militares, e algumas nos mostram caldeiras penduradas, e suspensas de lanças, que nas ditas campas se acham esculpidas.

#### VITERBO — ELUCIDARIO.

#### SUBMERSÃO DE 75 GEIRAS DE TERRENOS.

Na communa ou concelho de Arnaess, Noruega, a 17 de setembro de 1854, um terreno de 75 geiras de extensão abateu 122 metros. Compunha-se, pela maior parte, de prados artificiaes. Nunca ali acontecera cousa semelhante. O estrondo causado pela submersão das terras ouviu-se a distancia de 17 leguas. Em diversos pontos do solo abatido rebentaram repuxos de agua de quatro a cinco pés de altura. Na occasião do successo nem a temperatura do ar, nem o tempo, que estava mui sereno, soffreram a mais pequena alteração.



NOVO MOINHO MOVEL.

A estampa representa um novo moinho movel, de braço, e com peneiro, inventado por Dean e Evans. Esta pequena e elegante machina pôde moer e pe-

neirar por hora nove a dez litros de cereaes, como o trigo, o milho, a cevada etc.

Póde ter a caixa do moinho cêrca de 90 centímetros de largo sobre 60 de fundo. No *gargalo* (cuvette) deita-se o grão que tem de ser moido pelo *veio* (noix) do mesmo modo que acontece nos moinhos de café.

A manivella que faz mover o volante ao mesmo tempo que as duas rodas angulares, que põem em acção o veio, imprime igualmente o movimento ao peneiro, por meio de duas engrenagens e duas roldanas de pau, ás quaes se ajusta uma correia. O grão moido entra no peneiro, que é dividido em tres grossuras de sedas, e a farinha cae então no ultimo repartimento. Póde-se, querendo, retirar o grão, peneirado de tres grossuras differentes, e tornal-o a deitar no gargalo, apertando depois o veio com a competente chave de registo, conseguindo-se assim que a farinha tenha toda a finura e pureza que se deseje.

Ha uma outra pequena machina, devida ao engenheiro de Grandjouan, que custa em París uns 95000 réis, com a qual se podem obter farinhas ainda mais finas; sendo porém o trabalho mais violento de moagem feito na machina de Dean e Evans.

São estes os instrumentos mais baratos que a industria póde fornecer hoje ás familias, principalmente ás que vivem nos campos, para as quaes seria realmente economica e vantajosa a sua adopção.

O systema de construcção do novo moinho movel é mui simples, e por isso não nos resta duvida alguma de que as nossas fabricas de fundição de ferro estão completamente habilitadas, não só para os fazer, como tambem para os apresentar no mercado por um preço modicissimo.

Vimos recommendado na passada crise dos cereaes o estabelecimento de moinhos a vapor nas immedições do Porto, como um meio que devia concorrer para baratear o preço do milho, com que, quasi exclusivamente, se sustentam os habitantes do norte do reino.

Sem contestar a utilidade de taes estabelecimentos de moagem a vapor, parece-nos que não seria desconveniente nem desacertado introduzir do estrangeiro, ou fabricar no paiz, como se entendesse melhor, os novos moinhos de Dean e Evans, que têm sido reputados pelos homens mais competentes em França e Inglaterra, como uma invenção verdadeiramente util, e de uma applicação vantajosissima.

## EXPLORAÇÃO DO INTERIOR D'AFRICA.

### I.

#### OS POVOS MARAVES.

Frequentes vezes em diversas obras temos encontrado largas e pomposas relações de algumas viagens de exploração feitas por aventureiros inglezes, francezes e de outras nações ao interior da Africa, que e de todas as partes do mundo a menos conhecida talvez ainda hoje; omittindo-se n'ellas, ou fallando-se apenas de passagem, nas que têm sido emprendidas por portuguezes.

E todavia é certo que, mórmente nos ultimos annos, temos acompanhado, de um modo que nos não deslustra, as nações que marcham á frente da civilisação, no louvavel zêlo com que se occupam do estudo serio e meditado dos grandes e difficeis problemas que offerece a geographia e a topographia

d'aquellas remotas regiões. Que escriptores estranhos fossem réus d'aquella injustiça, não era para estranhar; mas que os proprios nacionaes incorressem na mesma omissão, é o que custa a comprehender, e não póde mesmo explicar-se senão por uma especie de lepra moral que inficciona toda a sociedade portugueza, aggravando as causas deprimentes que actuam de longa data sobre ella.

Desgraçado systema é este de exaltarmos até o entusiasmo feitos, ainda os menos importantes, praticados por estranhos, menosprezando os trabalhos dos corajosos exploradores luso-africanos, dos quaes alguns têm pago com a vida o seu amor pela sciencia, ou a sua obediencia a ordens superiores. Não será isto desconsiderarmo-nos nós mesmos aos olhos da Europa, que aliás nos contempla com sympathia, e reconhece com gratidão os serviços prestados pelos do nosso sangue á causa da civilisação universal?

Estas reflexões foram-nos suggeridas pelo apparecimento do *Diario da expedição portugueza*, dirigida ao *Muata Cazembe* nos annos de 1831 e 1832. É um grosso volume, ornado de numerosas estampas e um mappa illustrativo, e seguido de varias notas, esclarecimentos e confrontações com os relatos de outros exploradores recentissimos (1).

A expedição, a que o livro diz respeito, tinha por fim estabelecer solidas relações de amizade e commercio com o *Muata Cazembe*, poderoso regulo africano, cujos dominios se calcula estarem a meio caminho entre as costas occidental e oriental de Africa; esta missão fóra no anno de 1798 confiada ao intelligente doutor Lacerda, cujo diario só se publicou muitos annos depois nos *Annaes maritimos e coloniaes*.

Depois de incriveis privações por territorios povoados de cafres, na maior parte ferozes ou ladrões, recolheu a expedição a Tete, d'onde partira, cruelmente diminuida; e sem ter conseguido o objecto a que se havia dirigido. Entretanto, o diario que ultimamente saíu á luz, é já um excellent resultado, e póde ser um auxilio precioso, quando o governo da metropole se decida a voltar para as nossas possessões africanas a attenção divertida porventura para assumptos de menos momentosa importancia.

É certo que ao sr. major Gamitto, redactor do diario a que nos referimos, faltavam, (e elle ingenuamente o confessa) certas habilitações necessarias a quem explora scientificamente qualquer paiz ou região. Como, porém, em compensação d'aquella falta, aliás sensivel, o sr. Gamitto, auxiliado pelos seus conhecimentos praticos, e por um espirito de investigação bastante pronunciado, dá-nos no seu livro a minuciosa narração dos costumes e instituições dos povos que visitou, descreve com cuidado o aspecto geral do paiz, aponta os accidentes topographicos mais notaveis, e finalmente apresenta alguns alvitres que não são para desprezar, quando se trate de veras de civilisar as vastas possessões que ainda nos restam, e que são um testemunho eloquente da gloria dos nossos antepassados, e da nossa imprevidencia politica actual.

D'aquella obra, que, em nosso entender, é a mais noticiosa que de ha annos a esta parte se tem publicado em similhante genero, tomaremos alguns tre-

(1) O *Muata Cazembe* e os povos maraves, chevas, muizas, muembas, lundas e outros da Africa austral. *Diario da expedição portugueza* commandada pelo major Monteiro, e dirigida áquella imperador nos annos de 1831 e 1832, redigido pelo major A. C. P. Gamitto. Lisboa, Imprensa Nacional, 1854. 1 vol. de 300 paginas em 8.º fr. com 20 estampas, e um mappa.

chos, que nos pareceram mais curiosos, dando-lhes todavia outra redacção, mais conforme com a indole d'este semanario, e mais em harmonia com o fim que nos propomos, que é vulgarisar as noticias n'ella contidas.

Divide o sr. Gamitto os povos africanos, que tratou e viu na sua viagem, em cinco grandes grupos ou familias principaes, que são os maraves, os chévas, os muizas, os muembas e os lundas.

N'este primeiro artigo trataremos dos povos maraves.

O territorio conhecido hoje pelo nome de Marave confina ao poente com o regato Chômbue, que o divide dos chévas; ao nascente com a torrente Mucâcâmue, que o separa dos dominios portuguezes do districto de Tete; ao norte com os bôrôros e máganjas; e ao S. com o rio Zambeze, que o divide dos munhaes do Monomatapa, e com as terras portuguezas do districto acima indicado.

É impossivel calcular a extensão superficial d'este territorio; mas o sr. Gamitto suppõe que deve ser mui consideravel, asseverando que na parte em que o atravessára a expedição, que não foi na sua maior largura, tinha umas cincuenta e nove leguas.

Antigamente era esta região dividida em dous estados; munhaes e maraves; hoje, porém, estes povos têm tomado diversas denominações. Chiamam-se maraves, propriamente ditos, os que deixámos referidos. Boróros os que povoam a margem esquerda do Zambeze, e confinam com as terras do districto de Quilimane, e a O. com o rio Chire. Entre estes e a Lupáta estão os máganjas; d'ahi para o norte pela costa até cabo Delgado, habitam os macúas. Ao poente dos maraves até ao rio Aruângoa, vivem os chévas, e ao nascente d'estes, e junto á foz d'aquelle rio, acham-se os sengas, e entre estes e as terras portuguezas da esquerda do Zambeze estão os mogos. Ao nascente dos macúas, e na margem do rio ou lago Nhanja estão os mujaus, ou angúros. Todos estes povos são, porém, independentes uns dos outros, posto que pertençam á raça marave, e tenham os mesmos usos, costumes, linguagem, etc.

Em geral o paiz dos maraves é muito cortado de rios, abundante de aguas, e atravessado por continuas cordilheiras e altas serranias, que este povo prefere para n'ellas construir as suas povoações, tendo apenas nos valles pequenas aldeias, que lhes servem como de vigias ou postos avançados.

O clima é agradável na estação do estio; isto é, de maio a setembro; na estação chuvosa o sol é ardente.

Posto que na infancia da civilização os maraves têm uma organização politica regular e accommodada aos habitos das raças cafres.

O chefe da nação marave tem o titulo de *unde*; as suas ordens são executadas sem replica nem objecção em todos os pontos do territorio onde a sua auctoridade é reconhecida: mas não decide o unde negocio algum importante sem ouvir um conselho, composto em geral de anciãos. Este conselho raras vezes se congrega em sessão secreta; reúne-se de ordinario debaixo de uma grande arvore, que ha na Muzinda (nome da povoação em que reside o *mambo* ou *fumo*) ao tronco da qual se encosta o unde, sentado; sentando-se tambem em torno d'elle, assim os membros do conselho, como todos aquelles que requerem assistir á audiencia. A povoação em que reside o unde chama-se *Muzinda-a-Unde*.

Todo o paiz marave é dividido em provincias de maior ou menor extensão, governadas por *mambos*,

e estas subdividem-se em districtos cujos chefes são os *fumos*. Nem o unde, nem os fumos usam de insignia alguma; a maior parte das vezes andam cobertos com uma pelle, ou com uma nhanda, especie de panno feito do entrecasco de certa arvore.

O governo dos maraves é hereditario e despotico; porém o systema de successão que seguem é singularissimo; porque não é o filho que succede ao pa na posse e administração dos seus estados, senão o sobrinho filho de irmã, e nunca de irmão, e na falta d'este, o irmão do morto.

Não se cuide comtudo que a mudança de um mambo ou fumo se realiza sempre pacificamente; pelo contrario é rarissimo que assim aconteça. De ordinario ao fallecimento de um d'aquelles regulos segue-se uma guerra em que tomam parte muitas das provincias, e que ás vezes sómente termina quando é totalmente aniquilado um dos partidos contendores.

Quando os fumos estão em guerra os mambos, a quem são subordinados, não se intromettem n'ella, e no fim recebem um tributo; se um dos fumos foi morto, e o seu logar usurpado pelo seu adversario, este, pagando tambem um tributo ao mambo, fica reconhecido na posse legal do seu districto. Por semelhante systema já se vê quão frequentes e terriveis serão as guerras entre as differentes provincias em que se divide o territorio marave.

Este povo não tem legislação escripta; todas as suas leis são tradicionaes. Os casos julgados servem de regra nos processos futuros; as leis, porém, relativas aos crimes de feitiçaria, adulterio, latrocínio, e homicidio são invariaveis.

Como todos os povos cafres não têm os maraves systema de guerra regular; a disciplina é-lhes inteiramente desconhecida. Caminham para a campanha armados de arcos, flechas envenenadas, azagaias, machadinhas e facas; chegando á frente do inimigo soltam estrepitosos alaridos, e começam de disparar flechas, não largando o abrigo das arvores, ou outros objectos que os defendam. Não tem capitães; cada um combate como quer, e da fórma que lhe parece mais conveniente, attendendo sómente á sua conservação.

Não comprehendem os maraves a guerra sem consultarem os seus gangas. Ganga, ou surjão, (voz talvez derivada da palavra portugueza cirurgião) é o que adivinha, por meio de suppostos sortilegios ou encantamentos.

N'estes charlatães põem os maraves toda a confiança. Se o successo é feliz, os gangas attribuem-o a si exclusivamente; e se, pelo contrario, é adverso, criminam alguém pela quebra dos extravagantes preceitos que costumam impôr, os quaes consistem ordinariamente na abstinencia de certas comidas, na de cohabitação com pessoa de differente sexo, etc. etc.

Não se conhece a este povo outro culto mais do que uma grosseira idolatriá. Crêem comtudo na existencia de um poder supremo e invisivel, na transmigração da alma, ou metempsychose, e attribuem aos *muzimos*, ou almas dos seus antepassados, todo o bem ou mal que lhes succede. Todas as calamidades publicas são attribuidas á falta de ofertas e primicias aos muzimos, e as particulares lançadas á conta de feitiçeiros; pelo que n'estes casos recorrem aos gangas, que não deixam nunca de confirmar a suspeita, pronunciando alguém. Uma molestia prolongada; um desastre, a morte subita, são acontecimentos pelos quaes consultam o ganga, que depois de indagar toda a vida do indiciado, vae por ella saber quaes as pessoas com quem tem tido desavenças ou inimizade,

e as mais fracas d'estas são por elle escolhidas e declaradas feiticeiras (*fite* ou *muroi*); em consequencia do que são logo citadas, e tornadas responsaveis pela cura do enfermo e reparação do mal; não podendo, ou não querendo fazel-o, são obrigadas a justificar-se pelo *muave*. Depois diremos como se realisa esta especie de justificação, digna em tudo de taes povos.

Como já dissemos os maraves crêem na immortalidade da alma, que, na opinião d'estes barbaros, depois de solta das prizões terrenas, passa para o corpo de um irracional; as almas dos que viveram santamente no mundo (muzimos) passam para as cobras chamadas inhamezarumbo, e as dos maus ficam errantes, e sem abrigo, e passam, ou para o corpo do quadrupede, chamado canduè, animal parecido com a rapóza, e cujo regougar lugubre o faz considerar de mau agouro; ou para o de outro quadrupede chamado *tica*, que nas terras portuguezas chamam *quizumba* (*canis aureus* ou *chacal* dos naturalistas).

Crêem os maraves que tanto as boas como as más almas exigem primicias de tudo quanto os seus descendentes possuem, aliás castigam-nos mettendo-selhes no corpo, que não abandonam sem promessas feitas ao som de tambores e cantigas, que o possesso acompanha, dansando até cair desfallecido pelo excesso da dansa; porém, recuperadas as forças, recomeça tão violento exercicio; e se acontece morrer n'essa occasião, é porque, dizem elles, commetteu culpa grave, e o muzimo implacavel só se satisfaz com a morte do criminoso.

Se succede o contrario, é porque se contentou com as offertas, que constam ordinariamente de *pombe*, gallinhas, milho, legumes; mas tudo preparado, e em estado de se comer. Annualmente, no tempo das colheitas, vão levar aos muzimos as primicias d'ellas, que depositam no *tenge*, ou cemiterio; o qual sempre é um bosque ou matta, que elles respeitam como sagrado.

N'estes bosques onde jazem os mortos é prohibido cortar qualquer arvore, e muito menos matar qualquer animal, seja qual for a sua especie, porque em tudo e em todos se julga existir uma alma ou muzimo.

(Continúa.)

### EPHEMERIDES HISTORICAS.

#### JULHO 1

1801 — Declaração da independencia do Haiti.

2

1035 — Morte de Roberto do Diabo.

3

1670 — Morte do celebre Monk.

323 — Derrota de Licinius por Constantino perto de Andrinople.

4

936 — Morte do imperador de Allemanha Henrique I.

1830 — Tomada da cidadella de Argel pelo marechal Bourmont.

5

1770 — Os russos destroem a esquadra turca em Tchesme.

1531 — Alexandre de Médicis é declarado chefe da republica de Florença.

6

1533 — Morte do famoso Ariosto, auctor do *Orlando Furioso*.

1446 — Desbarato de Carlos de Gonzaga pelos venezianos.

1809 — Napoleão I manda prender o pontifice Pio VII.

7

1810 — Os inglezes apoderam-se da ilha de Bourbon.

1647 — O povo de Napoles, opprimido de tributos, subleva-se contra os hespanhoes, elegendo para seu chefe a Thomaz Aniello (Marzaniello).

8

1832 — A expedição constitucional commandada pelo sr. D. Pedro IV, desembarca sem resistencia nas praias do Mindelo.

9

1762 — Catharina II é aclamada imperatriz da Russia.

1846 — Tomam os americanos do norte S. Francisco da California.

10

138 — Morte do imperador Adriano.

1184 — O exercito sarraceno é desbaratado, quasi sem combater, em frente de Santarem por D. Affonso Henriques.

11

1799 — Batalha de Aboukir.

1709 — Batalha de Pultawa em que os suecos, commandados por Carlos XII, foram derrotados pelos russos que capitaneava o grande Pedro I.

12

1735 — Tomada de Trapani pelos hespanhoes.

13

1842 — Morre o duque de Orleans, filho do ultimo rei dos francezes Luiz Philippe, em consequencia da queda de um carrinho.

14

1024 — Morte do imperador de Allemanha Henrique II.

1836 — Incendio do edificio, que fôra palacio da inquisição, em que então estavam estabelecidas as repartições do thesouro, e que hoje é o sumptuoso theatro de D. Maria II em Lisboa.

15

1579 — Fallece em Lisboa, com 70 annos de idade, o jesuita Simão Rodrigues, de triste memoria.

1410 — Os cavalleiros teutonicos são destroçados pelos polacos.

16

1668 — Fundação da congregação do Oratorio.

17

1347 — Assassinato de Jaques Artevelle em Gand.

1841 — Coroação do actual imperador do Brazil o sr. D. Pedro II.

18

1630 — Mantua é saqueada pelos imperiaes.

19

1836 — Morto do notavel publicista Armand Carrel, em consequencia do ferimento que lhe fizera em duello Emilio de Girardin.

20

1180 — Victoria naval alcançada por D. Ruas Roupinho, junto ao cabo de Espichel.

21

1773 — Extincção da companhia de Jesus pelo papa Clemente XIV (Ganganelli).

1831 — É aclamado rei dos belgas o principe Leopoldo de Saxe Cobourg.